

- Com o prefixo **sub**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**:

Exemplos: sub-região, sub-raça etc.

- Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m**, **n** e **vogal**: circum-navegação, pan-americano etc.

- Quando o prefixo termina por consoante, não se usa o hífen se o segundo elemento começar por vogal. Exemplos:

Interestelar, interestudantil, superamigo, superaquecimento, supereconômico, superexigente, superinteressante, superotimismo

- Com os prefixos **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré**, **pró**, usa-se sempre o hífen. Exemplos:

além-túmulo, ex-aluno, ex-prefeito, pós-graduação, pré-vestibular, recém-casado, sem-terra.

- Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani: **açu**, **guaçu** e **mirim**. Exemplos: amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

- Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares.

Exemplos: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

. Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.

Exemplos: girassol, madressilva, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé.

– Não se usa o hífen para separar palavras que terminam por consoante e o segundo elemento se inicia por consoante diferente:

intermunicipal, supersônico.

– Usa-se o hífen para separar palavras terminadas por vogal, quando a mesma inicia a segunda palavra:

Exemplos: contra-ataque, micro-ondas.

- Para clareza gráfica, se no final da linha a partição de uma palavra ou combinação de palavras coincidir com o hífen, ele deve ser repetido na linha seguinte.

Exemplos:

Na cidade, conta-
-se que ele foi viajar.

O diretor recebeu os ex-
-alunos.

- Emprega-se o hífen nas palavras compostas que **não contêm formas de ligação** e cujos elementos, de natureza nominal, adjetiva, numeral ou verbal, constituem, em separado, uma unidade.

Exemplos:

• *mesa-redonda, boa-fé, má-fé, vaga-lume*

- Use hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas

Exemplos:

• *erva-mate, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio, andorinha-do-mar, cobra-d'água*

- Não se emprega o hífen com a palavra **não** com função prefixal: não fumante, não participação, não elegível

- Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: abóbora-menina, couve-flor, erva-doce, feijão-verde; benção-de-deus, erva-do-chá, ervilha-de-cheiro, fava-de-santo-inácio; bem-me-quer (nome de planta que também se dá à margarida e ao malmequer); andorinha-grande, cobra-capelo, formiga-branca; andorinha-do-mar, cobra-d'água, lesma-de-conchinha; bem-te-vi (nome de um pássaro).

- Emprega-se o hífen nos compostos com os advérbios bem e mal, quando estes formam com o elemento que se lhes segue uma unidade sintagmática e semântica e tal elemento começa por vogal ou h. No entanto, o advérbio bem, ao contrário do mal, pode não se aglutinar com palavras começadas por consoante. Eis alguns exemplos das várias situações: bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado; mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado; bem-criado (cf. malcriado), bem-ditoso (cf. malditoso), bem-falante (cf. malfalante), bem-mandado (cf. malmandado), bem-nascido (cf. malnascido), bem-soante (cf. malsoante), bem-visto (cf. malvisto).

Obs.: Em muitos compostos, o advérbio bem aparece aglutinado com o segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte: benfazejo, benfeito, benfeitor, benquerença, etc.

- Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa). Sirvam, pois, de exemplo de emprego sem hífen as seguintes locuções:

- a) Substantivas: cão de guarda, fim de semana, sala de jantar;
- b) Adjetivas: cor de açafraão, cor de café com leite, cor de vinho;
- c) Pronominais: cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja;
- d) Adverbiais: à parte (note-se o substantivo aparte), à vontade, de mais (locução que se contrapõe a de menos; note-se demais, advérbio, conjunção, etc.), depois de amanhã, em cima, por isso;
- e) Prepositivas: abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, a quando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a;
- f) Conjuncionais: a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

- Do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo haver

1º) Emprega-se o hífen na ênclise e na tmese: amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo- ei, enviar-lhe-emos.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição de às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo haver: hei de, hás de, hão de, etc.

Obs.: 1. Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais quer e requer, dos verbos querer e requerer, em vez de quere e requere, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: quere-o(s), requere-o(s). Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) qué-lo e requé-lo são pouco usadas.

2. Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio eis (eis-me, ei-lo) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo no-lo, vo-las, quando em próclise (por ex.: esperamos que no-lo comprem).

– E agora, o “Pulo do gato” – você notou, servidor, que as alterações referentes ao uso do hífen dizem respeito apenas a separação por prefixos?

Vamos entender então, o que é prefixo:

Prefixos são afixos (partes de palavras que são afixadas) que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido.

Ex.: diretor, ex-diretor (ex: prefixo que indica estado anterior ou cessamento).

- Revisão através de texto.

Agora, servidor, vamos fazer uma revisão através de um texto de BETTO, F. Roupas novas ao velho idioma. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jan. 2009. Caderno EM Cultura, p. 8. – extraído do Manual do Professor: Reforma ao seu Alcance.

Vamos conhecer o texto, um parágrafo a cada dia. Ao final, junte tudo e terá o texto completo.

Roupa nova ao velho idioma

“Confesso que me sinto meio nua... Será paranoia? Ao menos me sobraram os acentos das oxítonas como papéis, heróis e troféu”.

Vejam só: eu, a língua portuguesa, falada por pelo menos 230 milhões de pessoas de oito países que oficialmente me adotam, estou de roupa nova.

Sempre foi assim, de tempos em tempos decidem auto-regular o modo como sou escrita, ou melhor, autorregular. Agora é assim, sabia?

Bom exemplo é o pronome você. Nasceu vossa mercê, virou vossemecê, derivou para vosmecê, reduziu-se a você, é falado ocê ou cê (cê vai lá?). Não duvido nada, daqui a pouco só se pronuncia o acento circunflexo...

Oficialmente, meu alfabeto passa a ter 26 letras, com a inclusão de k, y e w. Ora, na prática isso já ocorria: km, yang e yin, show etc. Meio kafkiano, não? Cai a coroa de certas palavras, o velho trema, tão frequente (agora sem trema) na tranquila (idem) sequência (idem) de vocábulos como linguíça. Quinquênio, duplamente coroadado, agora é quinquênio. Também perco o acento no casal de vogais, conhecido por ditongo, em palavras paroxítonas, como alcateia, androide, boia, colmeia, celuloide.

Confesso que me sinto meio nua... Será paranoia? Ao menos me sobraram os acentos das oxítonas como papéis, heróis e troféu. E o Piauí ficou a salvo, como toda oxítona terminada por i e u ou seguida de s.

Língua é também questão de elegância. Imaginem uma mulher descabelada numa festa em que todas as outras estão bem penteadas! É como me sinto nos vocábulos terminados em eem e oo. Adeus o chapeuzinho em creem, magoo, perdoos, vêem (do verbo ver), voo, zoo. Será que abençoos tais mudanças?, pergunta o autor deste texto. Ou ele encara isso com certo enjoo?

Será que os leitores, sem o circunflexo (que belo vocábulo!), distinguirão facilmente o casamento da preposição com o artigo no vocábulo pelo do substantivo pêlo, que agora é pelo, assim pelado? Perdem o acento: pêra e pára.

Num texto na nova ortografia, agora vamos ler que a moça gritou no carro para o namorado: “Para! Desço na esquina, seu hálito, de quem comeu pera podre, me dá enjoo”. “Pode descer”, dirá ele. Ela retrucará: “Como você pôde sair de casa sem escovar os dentes?”.

Outra exceção é a preposição por e o verbo pôr. Por que será? Mas ao menos uma liberdade resta a quem redige: você pode ou não enchapelar forma quando se referir à vasilha de fazer bolos e escrever: “Qual a forma da fôrma do bolo?”. Estará também certíssimo se redigir: “Qual a forma da forma do bolo?”.

O hífen, coitado, foi o que mais sofreu nessa reforma ortográfica. Salvou-se frente ao h: super-homem, sobre-humano. Mas dançou quando o prefixo termina diferente do segundo elemento: aeroespacial, antiaéreo, extraescolar. Sobrou o vice: vice-presidente.

Sai de cena o hífen se o prefixo termina em vogal e o resto se inicia com r ou s. Neste caso, duplicam-se tais letras: antissocial, ultrassom, biorritmo. Estranho, né?

Há certas palavras com as quais é preciso cuidado, devido à sua carga ideológica. O hífen permanece para o i não beijar o seu clone: anti-imperialista, anti-inflacionário.

Também quando o r ameaça arranhar o seu duplo: inter-racial, super-romântico. Superinteressante, não?

Se o prefixo sub topar com o r, que mantenha distância: sub-região, sub-raça. Panamericano fica assim mesmo. Quando o prefixo terminar por consoante e o segundo elemento começar por vogal, uma tudo: hiperativo, hiperacidez, interestadual. Porém, mantenha distância se o prefixo for ex, sem, além, pós, pré: além-túmulo, exdiretor, pós-graduação, pré-vestibular, recém-casado. E sem-terra (mas com muita garra na luta por reforma agrária).

E algo fantástico: o hífen é preservado se o sufixo tiver origem tupi-guarani (olha ele aí): capim-açu, amoré-guaçu. Supõe, evidentemente, que você saiba identificar o vocábulo como derivado do tupi-guarani.

Sei que não sou um idioma fácil. Além da correta grafia, exijo perfeita sintaxe. E vivo provocando pegadinhas: aluvião, apesar do tom, é substantivo feminino. E imagina um estrangeiro me aprendendo: “Pedro bota e calça e, em seguida, calça a bota”. E manga? De camisa, a fruta, parte do eixo do carro e mais oito significados pelo menos.

Banco então nem se fala: de praça, de guardar dinheiro, de areia, de sangue e do presente do indicativo do verbo bancar.

Para fazer bom uso de mim só há uma receita: leia, leia muito, bons autores. E, quanto à minha roupa nova, fique tranqüilo, pois este trema e todas as demais mudanças ortográficas têm (o circunflexo do plural dos verbos ter e vir foram salvos pelo gongo) prazo até 2012 para serem implementadas.

BETTO, F. Roupa nova ao velho idioma. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 jan. 2009. Caderno EM Cultura, p. 8.

Fontes:

Reforma Ortográfica ao Seu Alcance – Manual do professor
Ed. Educacional

Guia Prático da Nova Ortografia – Douglas Tufano
Ed. Melhoramentos